

# REFUNCIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO, UMA ABORDAGEM PRELIMINAR\*

*Fany Davidovich\*\**

Direta ou indiretamente, o tema tem estimulado a reflexão em diferentes correntes de pensamento. Num sentido lato e até mesmo literal, a refuncionalização do espaço geográfico faz pressupor a idéia de um novo papel desse espaço ou, melhor dizendo, da elaboração de um novo espaço-tempo. Idéia essa que encontra certamente um respaldo na importância que adquiriu, no mundo das finanças e dos negócios, o vetor velocidade, atrelado ao progresso técnico-científico e à informatização. Pôde-se aludir, assim, ao fim da geografia, a partir de tendências de uma "homogeneização" crescente do planeta, ou a fenômenos de desterritorialização que, em última instância, se acoplam à concepção do primado do tempo sobre o espaço. Mas, por outro lado, cada vez mais se impõe a idéia do novo papel ou de novas funções que o espaço geográfico assume, como componente da diferenciação de sociedades e de lugares, referenciada a fatos de natureza política e econômica, ética, religiosa e cultural, através dos quais se expressam adaptações,

ajustes ou resistências ao processo de globalização do mundo de nossos dias.

A análise de corte econômico leva à reflexão para a ótica da globalização do capital. Mais precisamente, tal análise faz recortar um vetor, ou seja, considerar funções do espaço geográfico no novo padrão de acumulação: o do capital flexível, que se substitui à chamada produção fordista. Como se sabe, essa mudança tem envolvido crise e recessão, que se associa ao esgotamento do sistema de produção em massa, com seu corolário de incompatibilidade entre produtividade e saturação de mercados, bem como de defasagens tecnológicas e de pressões salariais e inflacionárias. Condições essas que se agravaram em países ditos de desenvolvimento desigual, ou mal desenvolvidos ou de renda média, com as dificuldades financeiras do estado e a queda de investimentos externos. Excede, porém, aos limites dessa apresentação o aprofundamento da reflexão teórica a respeito. Pretende-se, quando muito, introduzir algumas linhas de interpretação, basicamente referenciadas à

\* Recebido para publicação em 30 de novembro de 1994.

Texto de participação na mesa redonda A Refuncionalização do Espaço-Geográfico - Encontro Internacional "Lugar, Formação Sócio-Espacial, Mundo": ANPEGE, São Paulo - 8 a 10 de setembro de 1994.

\*\* Pesquisadora do laboratório de gestão do Território do Instituto de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

R. bras. Geogr., Rio de Janeiro, 56 (1/4): 301 - 306, jan./dez. 1994

relação Globalização/Local, enquanto componente de interesse do capital flexível.

## O TÓPICO DA REFUNCIONALIZAÇÃO...

Um texto recente de M. Storper (1994) oferece subsídios para a interpretação de uma refuncionalização do espaço geográfico, ainda que não direcionado explicitamente para a temática em questão. A importância que atribui à *capacidade endógena de produção* introduz novos aspectos a respeito do Local, já que não o associa apenas ao ideário neoliberal, à afirmação do indivíduo e da privatização, ou à descentralização *tout court*.

Sem desprezar outras variáveis, algumas atividades são apontadas como propulsoras da elevação da renda *per capita*, da qualidade de vida e de um desenvolvimento capaz de estimular efeitos regionais:

- Sobressai, primeiro, a capacidade de produção tecnológica e científica, que se opõe a meros procedimentos de adaptação e de imitação e que estimula a criatividade. Essa capacidade constitui suporte de uma dinâmica econômica crescentemente mobilizada por imperativos de produtividade e de competitividade, pela pressão da constante diversificação de produtos e de manter a dianteira ante à concorrência. Conhecimento e saber tornam-se bens escassos e sujeitos ao monopólio; nessas condições, eles são dificilmente transferíveis. Para tanto, contribui também o *risco da incerteza*. Mais do que o controle de mercados, inovações tecnológicas e modernos padrões de gerenciamento e de organização enfrentam o problema da imprevisibilidade provocada pela velocidade das mudanças nas preferências do mercado e da própria criação de ciência e tecnologia.

- Um outro aspecto, defendido por Storper, diz respeito à relevância da cooperação e de relação de interdependência entre *agentes locais* como um fator de elaboração e de sustentação de um ambiente social, cultural e profissional indispensável para o progresso econômico e para a inovação tecnológico-científica. Trata-se, portanto, de bases comportamentais locais, que capacitam um desen-

volvimento com valores próprios e diferenciados, mas que não descartam a troca de informações e de experiência com outros complexos de natureza local.

São atributos que atendem a requisitos do capital flexível e da moderna concepção de pólos tecnológicos, na medida em que se definem pela cooperação entre diferentes atores e em bases institucionais e organizações locais. O conceito de pólos tecnológicos opõe-se, deste modo, ao de Distritos Industriais, já que estes remetem ao planejamento "de cima para baixo", marco de um outro momento histórico.

A partir dessas colocações, a refuncionalização do espaço geográfico pode ser pensada através de uma redefinição da idéia de território e de territorialidade, a um determinado nível de generalização.

- Primeiro, é preciso levar em conta implicações da diferenciação entre a dinâmica econômica atual e a do contexto que prevaleceu até uma parte dos anos 70. Havia, então, fluxos de tecnologia dos centros avançados para outros países, principalmente aqueles que dispunham de mercados nacionais amplos. Essa transferência foi facilitada pelo sistema de produção em massa, sobretudo no setor de bens de consumo estandarizados. Foi, também, facilitada pelo ritmo relativamente lento das transformações do produto. Não se estabeleceram, portanto, grandes defasagens tecnológicas entre países desenvolvidos e aqueles que lograram atingir a posição de potências emergentes, a exemplo do Brasil.

O Território Nacional constituiu uma função essencial do espaço geográfico, como base material, estratégica, política e ideológica de um projeto de desenvolvimento integrado da economia. Contraditoriamente, porém, o modelo gerou grande concentração do produto, da indústria e da força de trabalho, dando margem a um sistema de relações distorcidas entre centralização e descentralização, entre núcleo e periferia.

Não é preciso insistir sobre as iniquidades sociais que converteram o Brasil em triste expoente no cenário mundial.

- No contexto atual, afirmam-se, porém, tendências de "descolamento" crescente entre áreas de produção avançada e áreas de uma

chamada "produção rotineira", colocando-se em posição intermediária, menos excludente as áreas onde o estado deu impulso a um determinado grau de progresso técnico e tecnológico.

A refuncionalização do espaço geográfico vem superar as relações centro/periferia e o Território Nacional como "função" fundamental. Sob a ótica das atividades propulsoras, afirmam-se tendências de territorialização que se associam ao local e que implicam uma dualidade com a desterritorialização. Essas tendências dizem basicamente respeito:

- A lugares que possuem disponibilidades de recursos específicos, não encontrados em outros lugares. São atributos que têm abrangência em países desenvolvidos, onde existem amplas bases estruturais de natureza cultural, intelectual e social, ao contrário do que ocorre em países do Terceiro Mundo. Neste, as tecnologias avançadas estão geralmente confinadas a um ou outro ponto no espaço geográfico. No Brasil, pode-se citar o exemplo da aeronáutica em São José dos Campos e o papel estratégico do vale do Paraíba do Sul no vetor científico e tecnológico, desenvolvido durante o regime militar.

- A idéia de territorialização se aplica, também, à especialização de lugares, mobilizada pelo comércio exterior; interesses da exportação, no Brasil, a despeito das dificuldades de penetrar no circuito internacional, envolvem problemas de modernização e de competição entre portos público e privado, e o redesenho espacial das retroáreas desde as zonas de produção.

- A territorialização encontra forte estímulo lá onde se desenvolvem coordenação endógena e densidade de inter-relações entre diferentes setores locais; cria-se, assim, ambiente propício para parcerias e negociações, que viabilizam e potencializam consensos em torno de regras e de ações e conseqüente abertura para soluções diferenciadas. No Brasil, tendências a esse formato, ainda que incipientes, podem ser identificadas em políticas de interiorização do saber empresarial, da informatização e de outras práticas de modernização, que têm lugar principalmente no Sudeste e no Sul. Veja-se o projeto do "trem científico" no Estado de São Paulo, ou o de pólos tecnológicos no Rio

Grande do Sul e em outros estados, nos quais se procura conjugar interesses da universidade, do setor público e privado e de diversas forças locais.

- A importância da contigüidade física reafirma-se no resgate das economias de aglomeração para a territorialização de atividades econômicas. Impe-se aí o lastro de encadeamentos e de nexos específicos entre diferentes setores, que favorecem o desenvolvimento de complexos de informação, da telemática e dos chamados serviços produtivos modernos. A relevância de localizações enraizadas para a eficiência econômica tem se concretizado nos países centrais; nos países da porção sul do planeta, são as metrópoles mais desenvolvidas que têm possibilidade de contar com ambiente propício para a aquisição de tecnologias propulsoras e de recursos avançados de organização e de gestão.

Contudo, mesmo que não abriguem esses atributos, as aglomerações urbanas representam certa defesa contra os riscos da incerteza, uma grande vilã da moderna revolução científica. Verifica-se, assim, que a agenda de política urbana, elaborada pelo Banco Mundial para os anos 90 (sobretudo para países chamados de renda média), indica a concentração urbana como motor do crescimento econômico, e não mais como expressão de patologia urbana.

No Brasil, tem prevalecido a importação de tecnologia para uso da produção; não há, porém, como negar a potencialidade demonstrada em alguns projetos, como os da Embraer, de armamentos (hoje em declínio), do Proálcool, do petróleo, e do complexo agroindustrial, que conquistaram nichos no mercado internacional. Mais recentemente, cabe menção a projetos tecnológicos da pequena empresa, que tem atraído o interesse estrangeiro, a exemplo do sistema *Virtuous* de informatização de estoques, já contratado, pelo Pentágono (Davidovich, 1993).

Nos dias de hoje, o circuito financeiro conjugado ao de telecomunicações constitui um elo da maior importância entre as principais metrópoles brasileiras e a globalização do mercado: veja-se a Embratel e o Teleporto no Rio de Janeiro ou o *World Trade Center*, na metrópole paulistana; conglomerados fi-

nanceiros pontuam várias aglomerações, como Porto Alegre (RS), por exemplo.

Mas outros movimentos de refuncionalização do espaço *vis-à-vis* à globalização podem ser apontados, no Brasil:

- É válido mencionar implicações do Mercosul em modificações de funções espaciais que já se anunciam em cidades e na área incluída no projeto; ou mencionar, também, a refuncionalização do espaço que está em curso na Amazônia, movido por interesses econômicos e políticos, de nível regional, nacional e internacional, que colocam principalmente em pauta a dimensão geopolítica da questão ambiental;

- O turismo é igualmente um vetor de refuncionalização do espaço geográfico, fazendo destacar, particularmente, o NE. Essa atividade insere-se no contexto global através do sistema Galileu, que detém o controle de agências e serviços em todo o mundo, inscrevendo-se, como empresa, na racionalidade do mercado global.

## O REVERSO DA MEDALHA...

Uma segunda observação, nessa apresentação, coloca em causa o problema da *disfunção* do espaço geográfico ou o reverso da medalha. Segundo reflexões de Derrida, recentemente divulgadas (Bentes, 1994), o contexto da sociedade de hoje remete, antes de tudo, à profunda crise das democracias ocidentais, que enfrentam problemas jamais vivenciados pela humanidade: em termos de opressão econômica, de desigualdades sociais e pobreza, desemprego e violência, a que se somam os êxodos em massa, os conflitos étnicos e religiosos e as perversões do poder, configuradas nas proporções conquistadas pela droga, pela máfia, pelo contrabando.

Este quadro sem precedente na história da humanidade se vê agravado pelos contrastes de uma coexistência paradoxal com novos aparatos econômicos, com o sofisticado instrumental tecnológico e científico e com o poder inquestionável da mídia. Mostram, assim, pouca visibilidade as perspectivas de uma ordem mundial, pelo menos dentro dos horizontes e conceitos conhecidos.

A idéia de Disfunção pode ser aferida pelo montante das massas de expatriados, que contribuem para a desterritorialização

de países e regiões. Mas, projeções de crescimento populacional para os próximos 20 anos indicam que a Ásia deverá contar com 60% do total mundial, enquanto à Europa e aos Estados Unidos caberão apenas 5%, cada qual. Nas áreas desenvolvidas, o consumo de energia e de recursos naturais por habitante é, porém, 20 vezes superior ao de habitantes dos países da porção sul do planeta.

No Brasil, aspectos de disfunção do espaço se multiplicam; empiricamente, pode-se aludir ao vulto de investimentos que se fazem necessários para recuperação do atraso em vários setores da infra-estrutura. Rodovias, por exemplo, dado ao mau estado de conservação, perfazem 40% dos custos operacionais do transporte de carga no País; essa deterioração ameaça um patrimônio estimado em R\$135 bilhões.

As metrópoles mais importantes do País respondem por um ambiente onde se desenvolvem modernas práticas empresariais e nas relações de trabalho de alguns setores, bem como importantes avanços na área cultural e em outros segmentos da vida urbana. São Paulo, principalmente, representa uma face da cidade global. Mas as metrópoles também se converteram em redutos da pobreza e da violência, da expansão de poderes paralelos, do crime, da droga e de gangues que, junto a invasões e a outras formas clandestinas de ocupação da cidade, elaboram domínios territoriais próprios, trazendo à evidência a inoperância e impotência da autoridade oficial. Fala-se, assim, na despolíticação de uma "desordem disfuncional" da metrópole, que nada tem a ver com a idéia do caos renovador, concebido por Gramsci.

Sem estender demasiado o assunto, vale questionar até que ponto a disfunção do espaço geográfico se associa à refuncionalização como a sua face contraditória; ou até que ponto a disfunção converge para rupturas no contexto da globalização, constituindo, deste modo, uma trajetória em si mesma.

Além de outros fatores, a última questão encontra um possível apoio nos obstáculos que criam para o capital, o bloco de países convertidos em repositório de imenso passivo do sistema financeiro internacional, em função da dívida externa. São constrangimentos que retardam tanto a rapidez exigida, atualmente, pela rotação do capital, como o próprio

fluxo de inovações (Becker e Egler, 1993). Esses constrangimentos rebatem, portanto, nas dificuldades de transferência de tecnologia entre países avançados e os demais, como foi antes mencionado. Investimentos que se fazem necessários para a produção de tecnologias de ponta (microeletrônica, biotecnologia, informática, entre outras) implicam não só grandes montantes de capital, como alto risco, a que se acrescentam gastos de longa maturação em pesquisa e desenvolvimento.

Na última seção cabe, deste modo, levantar algumas indagações a respeito.

É possível contar com perspectivas de tecnologias avançadas para países como o Brasil?

No pensamento de Storper (1994), perspectivas positivas residem na busca de vias diferenciadas de reestruturação produtiva, que devem se aplicar a cada cidade e a cada País. Mas, em termos da globalização, essa positividade implica, também, evitar a inserção dominante no circuito financeiro e, ao contrário, privilegiar a inserção no circuito produtivo. No primeiro caso, requisitos de otimização local, como as economias de aglomeração, tendem a ser suprimidos, dando lugar à mera agregação de empresas que consti-

tuem elos de redes globais de informação e de negócios. No segundo caso, abrem-se possibilidades de desenvolvimento de inovações tecnológicas que podem influir na diminuição das desigualdades sociais e na ampliação da cidadania, o que não é favorecido na situação precedente.

No Brasil as metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro estão se aparelhando para atender ao circuito financeiro global: *World Trade Center*, Teleporto. Mas, paralelamente, é preciso considerar as experiências de democracia direta que vêm se difundindo em grandes aglomerações e cidades, propiciando uma refuncionalização inédita do espaço urbano, no País.

Uma palavra final faz recorrer, mais uma vez, a Derrida (Bentes, 1994) que pregoniza o imperativo da crítica radical; crítica essa que implica "desconstrução" permanente de conceitos correntes, tais como: "democracia, estado, nação, público e privado". Nessa perspectiva, cabe questionar até que ponto se está assistindo à superação da própria idéia de mercado e dos valores a ele associados, particularmente postos em cheque com as dificuldades erguidas por parcelas consideráveis do espaço geográfico mundial.

## BIBLIOGRAFIA

- BECKER, B. K., EGLER, C. A. *Brasil, uma nova potência regional da economia-mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. p.267.
- BENTES, I. O Hamlet de Derrida. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1994. Caderno Idéias.
- DAVIDOVICH, F. Tendências e problemas da urbanização no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 3., Rio de Janeiro, 1993. *Anais...* Rio de Janeiro: IBGE, 1993.
- \_\_\_\_\_. Linhas de pesquisa para a geografia urbana no Brasil: uma contribuição. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro. (No prelo).
- LA CROIX, L. M., OLIVEIRA, E. X. de. *Áreas industriais: uma contribuição à reengenharia do Serviço de Estatística Nacional*. Rio de Janeiro: IBGE, maio 1994.
- SMOLKA, M. O. *A nova agenda do Banco Mundial para a política urbana*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993. p.8. mimeogr.
- SOUZA, M. J. Lopes de. Funcionalidade e desfuncionalidade das metrópoles para o desenvolvimento brasileiro. Questões para uma política urbana que proponha a ser crítica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 5., Curitiba, 1994. *Anais...* Curitiba: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1994. v.1, p.530-537.
- SPOLIDORO, R. As tecnópoles e um projeto nacional para o futuro. In: COLÓQUIO FRANCO-BRASILEIRO DE TECNÓPOLES, 2., 1993. *Anais...* Goiânia: [s.n.]. 1993. mimeogr.
- STORPER, M. *Desenvolvimento territorial na economia global do aprendizado: o desafio dos países em desenvolvimento*. In: QUEIROZ, L., RIBEIRO C. de, SANTOS JÚNIOR, O. A. dos (Org.). *Globalização, fragmentação e reforma urbana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. p.23-63.
- TAVARES, H. M. Complexos de alta tecnologia e reestruturação do espaço. *Cadernos do Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 39-51, abr. 1993.

## RESUMO

O tema leva a pressupor um espaço-tempo em elaboração, no qual se conjugam processos de globalização do mercado e de diferenciação de lugares, seja por dificuldades de ajuste à nova ordem econômica, seja pelas características políticas, étnicas, religiosas e culturais.

Na refuncionalização do espaço geográfico, sobressai o papel da "capacidade endógena de produção" (Storper, 1991), que implica: a absorção da inovação tecnológica e científica, essencial para imperativos de competitividade e produtividade; a cooperação e relações de interdependência entre agentes locais; e o desenvolvimento de valores próprios e diferenciados.

Nesse contexto, a refuncionalização do espaço geográfico pode conduzir a uma redefinição da idéia de território: como base política, estratégica e ideológica do projeto de desenvolvimento econômico integrado, o Território Nacional constituiu função essencial do espaço geográfico; nas condições atuais, haveria tendências de crescente "descolamento", entre áreas de produção avançada e as de "produção rotineira". A refuncionalização do espaço geográfico pode, assim, superar relações centro/periferia e o Território Nacional como "função" fundamental; novas territorialidades se associam à especialização de locais em atividades propulsoras. Exemplos foram apontados no Brasil, com realce à aglomeração metropolitana, sede das modernas telecomunicações, e às implicações espaciais do Mercosul e do turismo.

No tópico "o reverso da medalha" assinalaram-se problemas de proporções jamais vivenciadas pela humanidade: opressão econômica, conflitos de toda natureza e ameaças aos ideais democráticos. Nas metrópoles brasileiras e, também, em outros países, coexistem práticas avançadas de modernidade, em vários setores, e redutos de pobreza e de poderes paralelos, violência e insegurança, que podem sinalizar para uma despolitização da sociedade. Mas são, também, as metrópoles, em particular, que sediam experiências de democracia direta, a par de manifestações culturais, que propiciam uma refuncionalização inédita no espaço geográfico.

## ABSTRACT

The paper deals with new ways of time-space structuring arising out of the conjunction of market globalization and place differentiation. The whole process is conditioned by problems in adapting to the new economic order, as well as by political, religious and cultural traits.

"Endogenous capacity of production" (Storper, 1991) constitutes a main factor in the refunctionalization of geographical space; its implications lie on: the absorption of technological and scientific innovations, aiming at competitiveness and productivity; the co-operation and inter-dependency between local agents; the development of differentiated values and creativity on their own. A redefinition of the idea of territory itself arises in such a context: national territory represented an essential function of geographical space, as a political, strategic and ideological basis for an integrated economic development project; at present, trends of progressive "divorce" between areas of advanced production and areas of traditional production may be observed. Thus, refunctionalization of geographical space can superate center-periphery relations and national territory as a fundamental "function". New territorialities develop associated with local specializations on propulsive activities. In Brazilian examples, mention is made to metropolitan agglomerations, as the place of modern telecommunications, as well as to spatial implications of the South Cone Market (Mercosul) and of tourism.

As a "reserve of the coin", there are huge problems at proportions never known before in human society: economic oppression, conflicts, menaces to democratic ideals. In Brazilian metropolises, there is a coexistence between advanced practices on modernity and poverty, organized crime, violence and insecurity, taken as signs of "depolitization" of the population. But, on the other hand, the metropolis represents the "locus" of direct democracy experiences, together with cultural expressions, that may produce a new kind of refunctionalization of geographic space.